

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS**

JULIANA GERHARDT

**Síndrome de *Burnout*: possível indicador da saúde entre professoras/es de
Ciências e Biologia da rede pública estadual de Porto Alegre**

**PORTO ALEGRE
2012**

JULIANA GERHARDT

Síndrome de *Burnout*: possível indicador da saúde entre professoras/es de Ciências e Biologia da rede pública estadual de Porto Alegre

Monografia apresentada à Comissão de Graduação do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Luís Henrique Sacchi dos Santos

**PORTO ALEGRE
2012**

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à Deus, pela vida. A cada um dos meus familiares que me acompanharam ao longo desses 26 anos de vida, me apoiando, me incentivando e me ensinando o que era certo. Em especial à minha mãe pela sua presença, coragem, exemplo, força, determinação e amor, e à minha avó pelo apoio, carinho e incentivo. Aos meus irmãos lindos, cunhadas queridas, meu pai, minha “mãedrastra”, tios e primos sempre presentes e que me deram força e carinho. Aos meus sobrinhos, afilhados e priminhos lindos que me trouxeram força e ânimo com os seus sorrisos e fofurices! Aos amigos queridos, aos quais não nomearei aqui porque – graças a Deus – são muitos, que levo no coração pelos momentos de alegria, de companheirismo, de acolhimento, de festas, de abraços, de choros, de sorrisos, de aventuras, de bem-estar e de amizade verdadeira. Aos meus amigos e companheiros animais de estimação que me proporcionaram ao longo desses anos carinho e lambidas intermináveis de amor incondicional. A todos os amigos do centro espírita e aos meus evangelizando que me fizeram aprender e crescer e também me deram muito carinho. Aos melhores orientadores de iniciação científica que eu poderia ter e a todos os colegas que viraram amigos, do Laboratório de Biotecnologia Vegetal da PUCRS, com quem convivi praticamente toda minha graduação e onde eu muito aprendi, vivi, me diverti e de onde levo muitas experiências, aprendizados, aventuras, carinho e amizade. Aos mais novos colegas e amigos conquistados na Escola de Administração da UFRGS, onde tive a oportunidade de participar e aprender sobre a gestão ambiental da própria Universidade. Aos colegas do famoso voleibol das quartas-feiras na PUCRS, onde conheci muitas pessoas queridas e pude desestressar. Aos meus colegas de graduação, da barra 2007/2 e de tantas outras que conheci no meio do caminho e com quem irei me formar, pelas risadas, pela amizade, pelo apoio e carinho. Aos grandes professores e mestres que tive e à grandiosa Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela qualidade e seriedade do ensino. Às escolas e professores participantes desse projeto pela sua colaboração, bem como aos meus alunos de estágio pela maravilhosa experiência da docência. À banca desse trabalho, por ter aceito o convite e se disposto a contribuir com ele. E por último, e muito importante, ao Luís Henrique Sacchi dos Santos, o orientador mais paciente, tranquilo e perspicaz que eu poderia ter e que me auxiliou a tornar esse TCC real. Enfim, obrigada a todos por tudo e principalmente, por terem marcado minha vida! Amo todos vocês!!!

O que é ser professor hoje? Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo, conviver; é ter consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores, assim como não se pode pensar num futuro sem poetas e filósofos. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marketeiros, eles são os verdadeiros “amantes da sabedoria”, os filósofos de que nos falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber (não o dado, a informação e o puro conhecimento), porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis.

Moacir Gadotti

RESUMO

Existe algo acontecendo no que diz respeito à saúde emocional, mental e física dos professores; algo que pude constatar, de modo não sistemático, durante os períodos em que realizei estágios obrigatórios de ensino como acadêmica do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O objetivo deste trabalho foi investigar a condição de saúde dos/as professores/as de Ciências e de Biologia, cujas escolas têm estabelecido parcerias, na forma de estágios de docência, com a Universidade. A abordagem metodológica foi teórico-qualitativa, através da aplicação de questionários para avaliação da presença da Síndrome de *Burnout* e informações sócio demográficas. Também foram obtidos dados junto à Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC-RS) a respeito do número total de professores, licenças saúde, faltas justificadas e não justificadas e exonerações entre os/as professores/as da rede estadual de ensino. Foram constatados níveis considerados altos em duas das três dimensões avaliadas da Síndrome de *Burnout*: exaustão emocional e despersonalização. Em relação à baixa realização pessoal, a maioria apresentou níveis baixos desse fator. Dados fornecidos pela SEDUC-RS revelaram uma queda gradual no número de exonerações e de licenças saúde nos últimos três anos no Estado e também a redução de faltas justificadas ou não, nos últimos cinco anos. Os resultados aqui demonstrados sugerem a possibilidade de a Síndrome estar sendo desencadeada entre o grupo estudado, pois há níveis altos de exaustão emocional e despersonalização. No entanto, os baixos índices a respeito da “baixa realização pessoal” podem estar compensando ou ajudando a conter as outras duas dimensões. Apesar dos índices de faltas, exonerações e licenças saúde terem diminuído nos últimos anos, deve-se ter atenção a eles, pois as dimensões da Síndrome de *Burnout* nos docentes tem se tornado cada vez mais comuns e podem estar relacionadas às atuais faltas e licenças, bem como a futuros abandonos da profissão. Em decorrência disto é que se fazem necessários maiores cuidados e atenção à saúde dos educadores. Em razão disso, necessitamos promover junto às esferas administrativas e à sociedade condições que possibilitem uma melhoria significativa nas condições de trabalho e de formação docentes.

Palavras-chave: Síndrome de *Burnout* – saúde do trabalhador – professores

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 DESENVOLVIMENTO	8
2.1 Referencial Teórico	8
2.2 Justificativa	12
2.3 Objetivos	13
2.4 Metodologia.....	13
2.5 Análise dos resultados	15
2.6 Resultados e discussão	16
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	30
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SÓCIODEMOGRÁFICO	34
ANEXO A - MASLACH BURNOUT INVENTORY (MBI)	35
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) ..	39
ANEXO C – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	40

1 INTRODUÇÃO

Não é difícil perceber um desânimo geral, bem como um número excessivo de faltas ao trabalho junto a muitos professores da rede pública de ensino, e a justificativa mais utilizada para os elevados índices de absenteísmo por eles apontada é a saúde (POLATO, 2008). Isso nos faz perceber que há algo acontecendo no que diz respeito à saúde emocional, mental e física dos professores – algo que pude constatar, de modo não sistemático, durante os períodos em que realizei estágios obrigatórios de ensino como acadêmica do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em sentido amplo, é possível dizer que, no modelo atual de exercício da docência, o professor não toma conta somente das suas turmas em sala de aula, mas também desempenha diversas outras funções relacionadas. Segundo Carlotto (2003),

muitas são as atribuições impostas ao professor, aparte de seu interesse e muitas vezes de sua carga horária. Além das classes, deve fazer trabalhos administrativos, planejar, reciclar-se, investigar, orientar alunos e atender as visitas de pais. Também deve organizar atividades extra-escolares, participar de reuniões de coordenação, seminários, conselhos de classe, efetuar processos de recuperação, preenchimento de relatórios bimestrais e individuais relativos às dificuldades de aprendizagem de alunos e, muitas vezes, cuidar do patrimônio, material, recreios e locais de refeições (p.13).

Isso, sem dúvida, contribui para uma sobrecarga física e emocional com a qual os professores têm lidado sem, no entanto, estarem preparados – e remunerados – para tanto. O trabalho de Levy (2009), com professores da rede pública do município do Rio de Janeiro, aponta uma série de conclusões preocupantes no que tange à saúde dos professores. Ela ressalta, por exemplo, como alguns dos fatores que interferem diretamente na qualidade do ensino e no desenvolvimento da Síndrome de *Burnout* entre os professores, “a violência instalada no ambiente escolar, a jornada de trabalho excessiva, os baixos salários, a idade do professor associada à falta de experiência profissional e a formação continuada deficitária para o atendimento das demandas educacionais na atualidade” (p. 464).

Suspeita-se que um dos indicadores dos sintomas descritos acima é o alto índice de abstenção ao trabalho, tão propalado, por exemplo, nas mídias jornalísticas. Como refere Gasparini (2005),

as condições de trabalho, ou seja, as circunstâncias sob as quais os docentes mobilizam as suas capacidades físicas, cognitivas e afetivas para atingir os objetivos da produção escolar podem gerar sobre-esforço ou hipersolicitação de suas funções psicofisiológicas. Se não há tempo para a recuperação, são desencadeados ou

precipitados os sintomas clínicos que explicariam os índices de afastamento do trabalho por transtornos mentais (p. 192).

Existem poucas produções que relacionam as causas e os efeitos dessas abstenções, principalmente as que estão relacionadas ao adoecimento docente (ZAPONI, 2009). Além do excesso das atividades e das condições de trabalho, que desencadeiam os sintomas físicos, as relações mútuas entre professores e alunos também estão desgastadas, contribuindo para um quadro de mal-estar docente. Tudo isso pode contribuir para sentimentos de insatisfação e frustração do professor, que acaba se culpando por não conseguir alcançar seus propósitos e ideais de trabalho (PASCHOALINO, 2008).

Soma-se a isso o fato de muitos professores se submeterem a uma jornada de trabalho excessiva decorrente dos baixos salários, na tentativa de complementar seus rendimentos mensais. Isso implica, entre outras coisas, em maior tempo de deslocamento, maior esforço de adaptação a diferentes ambientes escolares, maior diversidade e maior gasto de tempo na preparação de atividades, contribuindo para uma sobrecarga física e cognitiva do professor, sem contar as más condições de trabalho em que muitas escolas se encontram (LEVY, 2009).

Diversos pontos relacionados à educação poderiam ser levantados e discutidos aqui, pois muitos deles estão atrelados às transformações contemporâneas pelas quais estamos passando, e acabam refletindo direta ou indiretamente na escola. No entanto, a escola, tal como a conhecemos, onde professores ainda são personagens centrais no processo de aprendizagem, depende da saúde física e mental desses professores. Acredita-se que, se quisermos uma educação, e conseqüentemente uma sociedade (mais) saudável, nosso primeiro desafio será o de dar condições de bem-estar aos professores, daí a necessidade de se buscar entender a saúde dos docentes e suas implicações na qualidade de ensino.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Referencial Teórico

A partir de um estudo da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), realizado em 1990, citado por Saratt (2010), começou-se a falar de diversos assuntos relacionados à saúde dos educadores, dentre eles a síndrome de *Burnout*, transtornos de voz, assédio moral ou violências em geral, lesões por esforço repetitivo (LER), estresse, dores musculares entre outros. Segundo Saratt (2010), aspectos como esses têm como causas “a degradação das condições de exercício profissional, acentuada pelas políticas neoliberais hegemônicas, [que] desde meados dos anos 1990, acentu[aram] um fenômeno que é próprio das relações sociais e produtivas capitalistas: o do adoecimento dos trabalhadores” (p. 11).

De acordo com essa pesquisa, fica evidente, através dos elevados índices de afastamentos, faltas, licenças, readaptações, exonerações ou aposentadorias precoces dos educadores, a necessidade de dar maior relevância ao assunto. Isso tanto na perspectiva de valorização da profissão quanto na adoção de políticas públicas condizentes com a importância dos cargos da área de educação. Conforme salienta Saratt (2010),

em outros termos, o processo de adoecimento na atividade educacional implica o reconhecimento de que é uma faceta da exploração do trabalho no capitalismo, que se abate sobre o conjunto da classe trabalhadora, porém com peculiaridades tão específicas quanto o é o ofício de educar. Numa perspectiva classista, a promoção e prevenção da saúde dos trabalhadores (as) devem ocupar um espaço correspondente à sua importância (p. 12).

Outro estudo, também desenvolvido pela CNTE, em 2003, intitulado *Identidade Expropriada – Retrato do Educador Brasileiro* realizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, revelou que cerca de 22,6% dos professores, de um total de 4.656 entrevistados em 10 estados brasileiros, pediram afastamento por licença-médica. Números esses que podem ser considerados alarmantes. A reportagem de Bittar (2008), publicada no Portal do Professor do Ministério da Educação, revelou que o Estado de São Paulo, com 250 mil professores, registra aproximadamente 30 mil faltas por dia e que só em 2006, foram quase 140 mil licenças médicas, com um custo para o governo estadual que chega a R\$ 235 milhões por ano.

Segundo dados obtidos junto ao Departamento de Recursos Humanos da Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul, foram registradas 1.450 licenças saúde e 4.033 exonerações

entre os 79.957 professores da rede estadual de ensino no ano de 2012. Esses dados, quando comparados com os do Estado de São Paulo, podem não parecer muito, mas não devem ser desprezados como um possível indicador da qualidade de trabalho presente entre esses profissionais.

Além de problemas relacionados à saúde, Ferreira (2004) afirma que “o magistério continua enfrentando um processo de desvalorização social que, segundo pesquisas como a da CNTE, em curto e médio prazo ainda pode gerar mais dificuldades para o funcionamento dos sistemas de ensino do país” (p. 5). Essa desvalorização social, aliada a outros fatores como baixos salários, infraestrutura precária das escolas, dificuldades de aspectos organizacionais ou das relações interpessoais com a equipe, alunos ou com seus familiares, são fatores que interferem no processo educacional, levando o professor a adoecer (BENEVIDES-PEREIRA, 2010).

É neste contexto que a Síndrome de *Burnout* tem sido estudada como um importante indicador da qualidade de saúde dos docentes. Isso porque diferentes estudos apontam como uma resposta à tensão e exaustão emocional comuns em profissões que possuem um grande envolvimento e interação com pessoas que possuem problemas psicológicos, sociais e/ou físicos (MASLACH; JACKSON, 1981). Em termos gerais, essa síndrome pode ser assim descrita: o trabalhador desenvolve um vínculo afetivo com seus clientes, desgasta-se emocionalmente e, sem enxergar alternativas para as situações encontradas, acaba por apresentar um conjunto de sintomas característicos do *burnout* (CODO, 1999). Ainda, segundo Benevides-Pereira (2010), “o *burnout* é tido como um processo multidimensional, proveniente da cronificação do estresse laboral e caracterizado por elevada exaustão emocional (EE), níveis altos de desumanização (de despersonalização para alguns autores) e reduzida realização pessoal nas atividades laborais (rRP)” (p. 153).

A exaustão emocional é caracterizada pela falta de energia e de recursos mentais diante de um grande esgotamento emocional, causado por sobrecarga de trabalho. A despersonalização ocorre quando o profissional desenvolve sentimentos e atitudes negativas para com clientes e colegas de trabalho, recorrendo muitas vezes ao cinismo nas relações. E, por fim, a baixa realização profissional é quando o trabalhador se autoavalia de forma negativa e insatisfeita com seu desempenho profissional, sente-se incompetente e incapaz de interagir com as pessoas (MASLACH et al., 2001, apud CARLOTTO, 2011).

Foi com o artigo de Freudenberger, em 1974, denominado *Staff Burn-Out*, que se iniciaram as investigações sobre a Síndrome de *Burnout*, tendo um importante impacto em

várias investigações que foram feitas posteriormente. Embora os efeitos disso que veio a se chamar de Síndrome de *Burnout* já estivessem sendo sentidos pelos trabalhadores há muito tempo, não havia, até aquele momento, um estudo que congregasse os diferentes “sintomas” sob uma mesma designação. O termo *burn out* ou *burnout*, que vem do inglês e significa “queimar até a exaustão”, foi utilizado na direção de indicar precisamente o colapso que sobrevêm após a utilização de toda a energia disponível (BENEVIDES-PEREIRA, 2004).

Na literatura especializada, é comum encontrarmos os seguintes sintomas como aqueles relativos à presença dessa Síndrome:

além dos sintomas característicos do estresse - cefaléias, dores osteomusculares, transtornos do sono, problemas gastrointestinais, desordens cardiovasculares, alterações da memória, irritabilidade, ansiedade, dificuldade de concentração, assim como o aumento no consumo de substâncias (álcool, café, tranquilizantes, e/ou outras drogas), depressão e suicídio – o *burnout* traz consigo sintomas defensivos, como a insensibilidade em relação a outras pessoas, atitudes de cinismo e ironia como forma de se manter afastado emocionalmente dos demais (BENEVIDES-PEREIRA, 2010, p. 153).

Esses também foram alguns dos sintomas encontrados por Goulart Junior e Lipp (2008) em um trabalho sobre síndrome de *burnout* desenvolvido com professores do Ensino Fundamental em um município do interior de São Paulo. Além desse trabalho, outros (CARLOTTO & CÂMARA, 2004; SUZIN, 2005; FERRARI 2010; CARLOTTO, 2011; SILVA & ALMEIDA, 2011) têm igualmente relatado a incidência cada vez maior de estresse e Síndrome de *Burnout* em professores.

Nesta direção é que se pode dizer que, nos últimos vinte anos, vêm crescendo o interesse por estudar essa Síndrome entre os professores, tendo em vista que a categoria se encaixa no perfil profissional no qual essa condição, entre outros transtornos de saúde, mais se predispõe a ocorrer. Isto porque, tal como aponta Landini (2008),

os problemas de saúde que afetam a categoria estão intimamente relacionados ao tipo de trabalho exercido, ao fato de estar relacionado à formação de outros sujeitos, ao excesso de trabalho, à precarização do trabalho, à perda de autonomia, à sobrecarga de trabalho burocrático, ao quadro social e econômico e às condições de vida dos alunos, entre os principais fatores. Em acréscimo, deve-se às condições objetivas impostas pelas reformas educacionais desde a segunda metade da década de 1990, que implicam em processos marcados por mecanismos de avaliação institucional e do conhecimento centralizados e desvinculados da prática cotidiana do trabalho do professor, típicos de um modelo produtivista e pragmático (p. 298).

O exercício profissional da docência está vinculado a diversos estressores psicossociais, alguns intrínsecos às funções de professores, outros relacionados ao contexto

institucional e social onde elas são exercidas (CARLOTTO, 2002). Como aponta esta autora, a produção científica no Brasil sobre Síndrome de *Burnout* identificou as categorias profissionais de professores e profissionais da saúde como aquelas acerca das quais se encontra o maior número de publicações, sobretudo entre os anos de 2002 e 2005.

Ainda segundo Carlotto (2002), a síndrome de *Burnout* tem sido considerada um problema de grande relevância social e sua investigação é cada vez mais presente em vários países, pois está diretamente relacionada a custos organizacionais vinculados à rotatividade de pessoal e problemas de produtividade e de qualidade.

O início da carreira docente costuma ser permeado de entusiasmo e expectativa de fazer grandes mudanças na educação frente à sociedade. No entanto, depois de um ano ou dois de trabalho, os professores começam a desanimar por perceber que as expectativas iniciais não estão sendo atingidas (MORENO-JIMENEZ, 2002). Ainda, segundo Schwab, fatores como sexo, idade, nível de ensino em que atua, tipo de clientela e também algumas qualidades pessoais, como expectativas individuais sobre o seu trabalho e características de personalidade, devem ser levados em consideração na contribuição ou não para a ocorrência de *Burnout*.

O *Maslach Burnout Inventory* (MBI), elaborado por Christina Maslach e Susan Jackson, em 1981, tem sido o instrumento mais utilizado em todo o mundo para a identificação da presença da Síndrome de *Burnout*, e, por isso, vem sendo adaptado e traduzido para vários idiomas. O MBI é utilizado como instrumento exclusivo para avaliação da síndrome, e calcula os índices de *burnout* de acordo com os escores de cada uma das três dimensões anteriormente destacadas - exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional (CARLOTTO; CÂMARA, 2004).

No Brasil, o MBI foi traduzido e validado por Benevides-Pereira (2001) e, desde então, vem sendo utilizado, por diferentes estudos, para mensurar o nível de estresse de diferentes categorias profissionais, entre as quais se encontra a de professores e de profissionais de saúde. O instrumento é autoaplicado e totaliza 22 itens. Ele permite verificar os índices presentes nas referidas três dimensões (quais sejam, exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional) que compõem o *Burnout* (BATISTA, 2010). A presença dessas três dimensões é avaliada através da frequência das respostas às 22 questões, de acordo com uma escala tipo *Likert*¹ de pontuação que varia de 0 a 6. Define-se

¹ Escala Likert é um tipo de escala onde as respostas a determinadas perguntas tratam de níveis de concordância através de uma afirmação.

zero para “nunca”, um para “uma vez ao ano ou menos”, dois para “uma vez ao mês ou menos”, três para “algumas vezes ao mês”, quatro para “uma vez por semana”, cinco para “algumas vezes por semana” e seis para “todos os dias”. O questionário pode ser considerado, assim, uma fonte valiosa de ideias sobre atitudes e sentimentos que caracterizam um trabalhador em exaustão emocional (MASLACH; JACKSON, 1981). Segundo destacam Carlotto e Câmara (2004),

como o inventário avalia uma síndrome, é preciso considerar uma série de aspectos que ainda podem ser inseridos como itens no MBI. Entretanto, no atual estado da arte dos estudos sobre *burnout*, o MBI apresenta-se como uma escala válida e fidedigna nas diferentes realidades onde a síndrome tem sido estudada (p. 505).

2.2 Justificativa

Por ser um assunto de significativa relevância e por constatar que existem poucos trabalhos sobre o assunto, especialmente no que se refere a uma análise da situação dos docentes na rede pública estadual de ensino do município de Porto Alegre, faz-se necessário uma abordagem investigativa preliminar a respeito de como está a saúde desses professores.

No âmbito deste trabalho, minha proposição é a de analisar a situação daqueles professores e professoras cujas escolas têm estabelecido parcerias, na forma de estágios de docência, com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em especial, pretendo investigar a condição de saúde dos/as professores/as de Ciências e de Biologia. Além disso, creio que realizar tal estudo poderá contribuir com elementos que permitam às disciplinas de estágio mais bem situar e problematizar as diferentes realidades escolares presentes em nosso município, e quem sabe até prevenindo os novos docentes da desistência da profissão, preparando-os melhor frente às situações de exaustão emocional a que estarão submetidos.

2.3 Objetivos:

- a) avaliar a presença de dimensões da Síndrome de *Burnout*, entre professores das disciplinas de Ciências e de Biologia, de algumas escolas onde são realizados os estágios de docência do curso de Ciências Biológicas da UFRGS;
- b) realizar um levantamento acerca do número de afastamentos e licenças saúde entre os/as professores/as da rede estadual de ensino;
- c) com base nos objetivos descritos em a e b, discutir sobre saúde dos professores em geral.

2.4 Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo que envolveu a aplicação de um questionário a 14 professores de ciências e/ou biologia, do ensino fundamental e médio, advindos de 5 escolas da rede estadual de ensino do município de Porto Alegre, realizado durante o segundo semestre de 2012. Todos os participantes eram vinculados às escolas que possuíam convênio com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no sentido de serem escolas parceiras em receber alunos da graduação de licenciatura em ciências biológicas para a realização de estágio docente (EDU02X18 – Estágio de docência em ciências e EDU02X17 – Estágio de docência em biologia). De um total de 258 escolas estaduais de Porto Alegre com as quais a Universidade possui convênio, cerca de 40 efetivamente recebem os alunos estagiários. As cinco escolas escolhidas foram indicadas pelos colegas da turma de Estágio de docência em ciências.

O intuito deste procedimento não foi o de estabelecer uma amostra representativa de docentes, mas de realizar um levantamento prévio acerca das condições de saúde desses docentes, como uma forma de trazer subsídios para a discussão sobre esta temática para os próprios estudantes de biologia no âmbito do referido estágio. Nesta direção, a partir da revisão da bibliografia, elegeu-se critérios já validados acerca da síndrome de *Burnout* para poder estabelecer alguns indicadores acerca da saúde de professores. Assim, não se buscou, aqui, somente identificar especificamente dimensões da síndrome junto a esses docentes, mas, antes, produzir alguns elementos, a partir do referido questionário validado, que permitissem problematizar, num sentido mais amplo, um primeiro levantamento acerca das condições de saúde dos docentes envolvidos diretamente com os estágios do curso de Licenciatura em

Ciências Biológicas da UFRGS. Optou-se pelo *Maslach Burnout Inventory-Educators Survey* (MBI-ED), desenvolvido por Maslach & Jackson (1996 apud BATISTA, 2010, p. 181), na sua versão para professores, validado no Brasil por Benevides-Pereira (2001). O questionário é autoaplicável, composto por vinte e duas (22) afirmativas, sendo nove (9) para a dimensão de exaustão emocional (EE), cinco (5) para despersonalização (DE) e oito (8) para detectar baixa realização pessoal (RP). Todas as respostas devem ser respondidas em uma escala de tipo *Likert* de sete (7) pontos, que varia de zero (0), “nunca”, a seis (6), “todos os dias” (Anexo A). As respostas representam a frequência com que o entrevistado percebe ou vivencia o sentimento ou atitude em relação à síndrome. Além da utilização deste questionário já estabelecido na literatura, foi elaborado por nós um conjunto de perguntas referentes a informações sociodemográficas e socioeconômicas, acrescido de uma pergunta aberta a respeito das licenças-saúde dos professores entrevistados (Apêndice A).

Para a aplicação dos questionários, seguiu-se um conjunto de trâmites necessários, que tiveram início com o contato telefônico e/ou pessoal com as supervisoras e/ou diretoras das escolas para a apresentação da pesquisadora e subsequente apresentação da pesquisa, com vistas a verificar se haveria a possibilidade de entrar em contato direto com os professores de ciências e biologia da escola. Uma vez feito esse primeiro contato com as instâncias formais da escola, passou-se ao contato direto com os/as professores/as, a fim de apresentar-lhes a pesquisa e convidá-los a participar voluntariamente, preenchendo o questionário no momento em que fosse mais adequado a eles/as. No dia marcado, procedia-se à leitura do termo de consentimento livre esclarecido (TCLE – Anexo 2), conforme preconiza a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (assinado, em duas vias, por todos os sujeitos participantes do estudo), e, logo após, à aplicação do questionário. Em algumas escolas, onde o acesso ao professor foi mais dificultado, optou-se por deixar o material em poder da supervisora ou vice-diretora para sua entrega aos professores que aceitassem participar. Após, retornava-se à escola para buscar os questionários.

A pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRGS e está registrada sob o parecer consubstanciado de número 180.675, conforme anexo C.

2.5 Análise dos resultados

Embora a maioria dos questionários utilizados para a avaliação da síndrome de *Burnout* empregue tratamento estatístico para a interpretação dos resultados, em virtude desta pesquisa tê-los utilizado apenas como um indicador da saúde docente, os dados obtidos a partir da aplicação dos questionários foram analisados apenas de forma qualitativa.

Assim, apesar de se ter recorrido a uma interpretação dos questionários, tal como sugerido por Maslach e Jackson (apud PEREIRA, et al., 2009), para verificar o nível/estágio em que se apresenta o *Burnout* (baixo, médio, alto), eles foram utilizados apenas como uma forma de inferir o nível de *Burnout*, atuando como um possível indicador do estado de saúde dos docentes, sem a pretensão de realizar qualquer tipo de diagnóstico – até mesmo porque a presença do *Burnout* não é apenas resultado de um nível médio ou alto nas respostas ao questionário, mas efeito de um conjunto de outros fatores. Um primeiro movimento em direção à interpretação dos resultados passou pela soma das pontuações correspondentes às perguntas de cada uma das três dimensões separadamente (Tabela 1), classificando-as posteriormente – e apenas para efeitos de inferência – nos três níveis sugeridos por Maslach e Jackson (op. cit.). O nível baixo é quando a pontuação se situa abaixo dos 25 pontos; médio quando está entre 25 e 75 pontos e alto quando há pontuações superiores a 75.

Tabela 1: Classificação das respostas por dimensão

Aspecto avaliado	Respostas somadas
Exaustão emocional (EE)	Q1, Q2, Q3, Q6, Q8, Q13, Q14, Q16, Q20
Despersonalização (DE)	Q5, Q10, Q11, Q15, Q22
Baixa realização pessoal (RP)	Q4, Q7, Q9, Q12, Q17, Q18, Q19, Q21

Nota: (Q = questão)

Fonte: Benevides – Pereira, 2002.

2.6 Resultados e discussão

Estudar a saúde dos docentes é um tema muito amplo e complexo, de modo que precisaríamos de vários elementos e subsídios para fazer um levantamento completo de aspectos relacionados à saúde, tanto da saúde física quanto psíquico- emocional. No entanto, devido às limitações técnicas e de tempo para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, optou-se por estudar apenas um aspecto relacionado à saúde mental (sem desconsiderar que esta dimensão ‘mental’ se dá, necessariamente, num corpo) que tem se tornado muito pertinente na área docente: a identificação de níveis da Síndrome de *Burnout* como um possível indicador do nível de saúde dos docentes. Para tanto, busquei relacionar alguns aspectos da Síndrome de *Burnout* com os dados sociodemográficos, com os dados obtidos junto à Secretaria de Educação (SEDUC-RS) e com a pergunta aberta sobre licença saúde.

A pesquisa de Codo (1999), com uma amostra de quase 39.000 trabalhadores em educação em todo o Brasil, demonstra que quase a metade dos nossos educadores possui pelo menos um dos fatores de *burnout* – percentual preocupante sob qualquer perspectiva. Em São Paulo, por exemplo, dados obtidos junto à Secretaria de Educação, entre os anos de 1990 e 1995 demonstraram um aumento de 300% nos pedidos de exoneração do magistério. Os motivos citados como os que mais contribuíam para tal abandono, além dos baixos salários, eram as precárias condições, a insatisfação no trabalho e o desprestígio profissional. As análises do estudo evidenciaram que o processo ocorre de forma lenta, através de mecanismos pessoais e institucionais que os docentes utilizam, até chegar ao abandono definitivo (LAPO; BUENO, 2003).

Esses dados relatados para o Estado de São Paulo, provavelmente, tendem a se repetir em vários estados do Brasil, mas ainda faltam pesquisas que permitam realizar um mapeamento mais acurado dessa situação. No Rio Grande do Sul, por exemplo, os percentuais de exoneração têm diminuído nos últimos três anos, segundo dados da Secretaria da Educação (Comunicação Pessoal). Em 2010, o percentual de exonerações chegou a 8%, em 2011 a 7% e em 2012 a 5%. Apesar de esses índices terem diminuído nos últimos anos, deve-se ter atenção a eles, pois as dimensões da Síndrome de *Burnout* nos docentes tem se tornado cada vez mais comum e podem ser causa de futuros abandonos à profissão.

Atualmente, devido a um conjunto de transformações que constituíram a sociedade contemporânea, dedica-se boa parte da vida e do tempo ao trabalho. No entanto, se essa

dedicação gera excessivo estresse que diminui (afeta) sua qualidade de vida e sua produtividade, também implicará, invariavelmente, em algum tipo de prejuízo à organização para a qual se trabalha. Outros sintomas organizacionais podem ser o aumento de absenteísmo, pedidos de auxílio doença, licenças, reposição de funcionários, transferências, novas contratações e treinamento. Por isso, numa visão mais humanitária, mas também administrativa, busca-se investir na qualidade de vida do trabalhador (BENEVIDES-PEREIRA, 2003).

O absenteísmo, ou seja, a ausência dos professores ao trabalho por motivos como doença, depressão, estresse, rejeição ao trabalho, entre outros, é uma das evidências de que a saúde dos docentes não está bem. Os dados obtidos junto à SEDUC-RS demonstraram que, nos últimos cinco anos, apesar da queda gradual, ainda se encontram índices muito elevados de faltas não justificadas e faltas justificadas (figura 1). Embora eu não tenha tido acesso às justificativas alegadas para essas faltas, é muito provável que possamos encontrar alguma associação entre essas faltas e doenças de variados tipos.

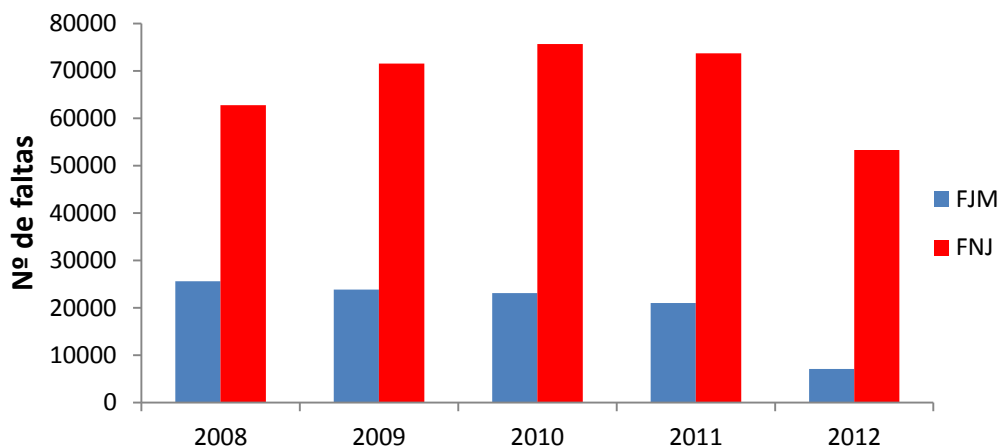


Figura 1: Faltas justificadas (FJM) e faltas não justificadas (FNJ) no magistério do RS ao longo dos últimos cinco anos. Fonte: Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul

Esse panorama de decaimento de faltas não significa necessariamente que as condições de trabalho docente estejam, necessariamente, melhorando, pois muitos se veem sem coragem de largar a profissão por falta de preparo para entrar em um novo mercado de trabalho.

A pesquisa “Condições de Trabalho e Saúde dos Professores e Técnicos Administrativos no Ensino Privado do RS”, realizada em 2009 pelo Sindicato dos Professores

do Ensino Privado do RS (SINPRO-RS), mostra que no ensino privado se encontram professores trabalhando doentes por receio de reprimendas ou possibilidade de perda das aulas. Ou seja, o mal estar docente não atinge somente o ensino público, e tampouco a justificativa de ter salários baixos é a única fonte desse mal estar. Como refere Gomes (2002), em uma passagem significativa para professores tanto do ensino público quanto do privado,

o sofrimento das/os professoras/es estaria ligado à formação deficiente, à dificuldade de operar regras de ofício, como a de “controle-de-turma” (que diz respeito à organização das condições de ensino em sala de aula), à inexistência de espaços de intercâmbio profissional e de planejamento das atividades docentes, às relações hierárquicas, à falta de pessoal e de material nas escolas, à insuficiência de pausas e de momentos de lazer e descanso, à tripla jornada de trabalho, à contaminação das relações familiares pela invasão das atividades escolares no espaço domiciliar e, sobretudo, à desqualificação, aos baixos salários e ao não reconhecimento social de seu trabalho (p. 31).

Não restam dúvidas quanto à urgência e à importância em se falar e pesquisar sobre a saúde docente, pois de acordo com Freitas e Cruz (2008),

a categoria docente é uma das mais expostas e exigidas dentre as categorias profissionais, sofrendo críticas e cobranças ferrenhas da sociedade. O sistema educacional vem enfrentando nos últimos 30 anos uma crise sem precedentes, com os professores reivindicando respeito e condições mais dignas de trabalho. Entretanto, exige-se desses profissionais boa qualificação, qualidade de ensino, contínua atualização de conhecimento, sem que lhes sejam dados subsídios para isso; na maioria das vezes o professor faz investimentos com recursos próprios para se manter qualificado (p. 2).

Segundo Leite e Souza (2011), a profissão docente é hoje considerada uma das mais estressantes; uma profissão de risco, de acordo a Organização Internacional do Trabalho (OIT). A saúde mental e o estresse ocupacional do professor chamam a atenção devido às particularidades do trabalho, entre eles o desgaste e o envolvimento emocional característicos da profissão docente. Nesta direção, a Síndrome de *Burnout* veio a se constituir num instrumento investigativo da saúde docente há poucos anos, apesar de as pesquisas estarem crescendo nos últimos anos, tal como apontam Lapo e Bueno (2003):

na medida em que esse fenômeno de proporções cada vez mais abrangentes diz respeito e afeta aquilo que é crucial ao exercício da profissão do magistério, ou seja, o envolvimento com o trabalho; a crença na importância do ensino para as futuras gerações; a percepção de reconhecimento e valorização da atividade docente por parte dos alunos, dos pais e da sociedade; a garantia de condições satisfatórias de trabalho e de salário condizente com o esforço; enfim, tudo o que se refere ao bem-estar do professor – as pesquisas têm procurado apreender e descrever esse fenômeno, chamando a atenção para as consequências que dele decorrem não só para os professores, como para os alunos e a sociedade. Desse modo, temos visto multiplicarem-se os estudos que focalizam a vida e o trabalho de professores e, também, outros voltados aos processos e práticas da formação continuada (p. 66).

Segundo o modelo teórico de Maslach, a exaustão emocional é a dimensão precursora da Síndrome de *Burnout*, seguida pela despersonalização e, por fim, pelo sentimento de não realização profissional no trabalho (CARLOTTO; PALLAZZO, 2006). As discussões até aqui realizadas sugerem a possibilidade de encontrarmos diferentes níveis de fatores estressores entre o grupo de professores estudado, pois suas respostas ao questionário indicam que há níveis altos de exaustão emocional e despersonalização. No entanto, os baixos índices a respeito da dimensão “baixa realização pessoal”, podem estar compensando ou ajudando a conter os outros dois sentimentos.

A prevalência de *Burnout* no grupo avaliado foi predominantemente alta nas dimensões exaustão emocional (78,6%) e despersonalização (42,9%). Nenhum dos participantes obteve nível baixo na dimensão exaustão emocional, o que pode significar que a docência, caracteristicamente, é uma profissão com um esgotamento emocional muito elevado. Em relação à baixa realização pessoal, a maioria, 57,1% apresentou níveis baixos desse fator (Tabela 2).

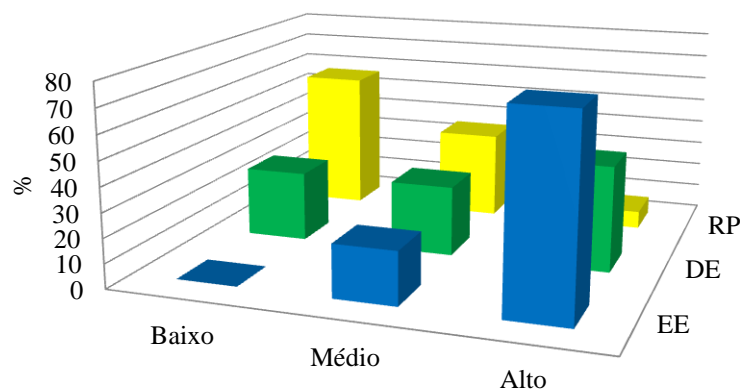
Tabela 2: Escala de classificação dos níveis das dimensões do *Burnout* segundo recomendação de Maslach & Jackson, com o número da amostra (N=14) e os respectivos percentuais obtidos no presente trabalho.

Dimensões de <i>Burnout</i>	Nível	Pontuação	N	%
Exaustão Emocional	Baixo	0 a 6	0	0
	Médio	7 a 24	3	21,4
	Alto	≥25	11	78,6
Despersonalização	Baixo	0	4	28,6
	Médio	1 a 5	4	28,6
	Alto	6 a 23	6	42,9
Baixa Realização Pessoal	Baixo	0 a 34	8	57,1
	Médio	35 a 45	5	35,7
	Alto	46 a 50	1	7,1

Fonte: Adaptado de Pereira et al., (2009).

Conforme referenciado no início do trabalho, a exaustão emocional é caracterizada pela falta de energia e de recursos mentais, causada por sobrecarga de trabalho. Se esses professores constantemente excedem suas forças, devido a um acúmulo de tarefas e de horas dedicadas ao trabalho, logo, o primeiro “sintoma” a surgir será o de exaustão emocional, conforme apontam os resultados desta pesquisa, tendo em vista que a maioria dos pesquisados apresenta índices bastante altos. A despersonalização ocorre quando o profissional desenvolve sentimentos e atitudes negativas para com os alunos e colegas de trabalho, muitas vezes, recorrendo àquilo que se pode considerar como cinismo nas relações e, por vezes, sem perceber que está desenvolvendo tal atitude. Para este grupo, os números desta dimensão ficaram distribuídos nos três níveis (baixo, médio e alto), sendo o maior percentual

encontrado em níveis altos. Neste caso, o afastamento psicológico do profissional em relação a seus alunos pode estar sendo utilizado como estratégia defensiva devido às altas demandas de exercício do trabalho, exigindo um número elevado de horas em contato com várias pessoas diariamente. Conseqüentemente, surgiria a fase de baixa realização profissional, na qual o profissional passa a se avaliar de forma negativa, demonstrando insatisfação com seu desempenho, sentindo-se incompetente e incapaz de desempenhar boas relações com as pessoas à sua volta. Os resultados obtidos, a partir da aplicação dos questionários, sugerem que a maior parte dos pesquisados não atingiu essa última fase, ficando dentro de níveis baixos dessa dimensão (Figura 2).



	Baixo	Médio	Alto
■ EE	0	21,4	78,6
■ DE	28,6	28,6	42,9
■ RP	57,1	35,7	7,1

Figura 2: Percentuais e níveis de *Burnout* por dimensão: EE (exaustão emocional); DE (despersonalização); RP (baixa realização profissional).

Como nos mostra a Tabela 3, dentre os quatorze (14) participantes, 12 eram mulheres e 2 eram homens, uma tendência que se confirma em relação às pesquisas com escolas e professores: a predominância de mulheres. Neste estudo, elas correspondem a mais de 80% dos professores pesquisados e isso, talvez, se reflita nos próprios resultados acerca da presença de fatores estressantes, pois, à carga dos trabalhos docentes, soma-se àquela de fatores ligados ao gênero feminino, como o elevado número de horas dedicado ao cuidado com a casa, com os filhos, com os animais de estimação, com a família em geral.

A idade variou de jovens professores (sendo o mais novo com 24 anos), até professores perto da aposentadoria (o mais velho com 63 anos). Junto com esse dado também podemos agregar o tempo de experiência na docência e de formação. Esse grupo possuía

desde professores com 1 ano até 35 anos de experiência na docência, e também o mesmo intervalo de tempo de formados na graduação. Embora não seja possível relacionar idade à Síndrome de *Burnout* ou a outros problemas de saúde sem realizar uma análise estatística ou estudos de ordem qualitativa mais aprofundados, o fato de ser mais novo, ter menos tempo de atuação na profissão ou menos tempo de formado não se constituem em garantias para escapar de níveis acentuados de estresse e problemas de saúde. Talvez, os professores com mais anos de profissão até escapem com mais facilidade, pois boa parte já tem uma vida mais estável, contando com o apoio da família e, assim, possivelmente lidando melhor com os percalços da profissão. Os mais jovens estão começando suas carreiras, assustados com o tamanho da diferença entre “teoria” e “realidade”, buscando se estabilizar financeiramente, criando independência da família e, muitas vezes, montando as suas próprias. Uma das prováveis vantagens de ser mais jovem nesses quesitos é lidar melhor com as tecnologias e novidades que surgem e que podem ser empregadas em sala de aula, também por isso exigindo, às vezes, um planejamento de aula mais elaborado e cuidadoso. Segundo Maslach (1982 apud CARLOTTO, 2002), “jovens precisam aprender a lidar com as demandas do trabalho. [...] professores com mais idade, parecem já ter desenvolvido a decisão de permanecer na carreira, demonstrando menos preocupação com os estressores ou com os sintomas pessoais relacionados ao estresse” (p. 24).

A média de alunos atendidos por semana para cada professor foi de 220 alunos, variando de menos de 100 até 300 alunos. Quanto à carga horária semanal, 78,6% possui de 20 a 40 horas e 35,7% dos professores possui mais de 10 turmas atendidas por semana. Esses dados também se constituem num fator crucial nos níveis de estresse, cansaço e faltas ao trabalho, além de causa para outros problemas de saúde, como perda da voz, tendinites, dores de cabeça, dores musculares, rinites alérgicas, dores nas costas, nas pernas, nos braços etc. Na Síndrome de *Burnout* esses elementos também estão relacionados à dimensão exaustão emocional e despersonalização, pois, ao trabalhar com muitos alunos e uma carga horária elevada, o professor não pode se eximir de dar-lhes um tratamento impessoal, uma vez que também precisa cumprir seus prazos dentro de sua sobrecarga de trabalho. Além disso, ele pode apresentar carência de energia e ansiedade frente às suas próprias expectativas de competência diante de suas responsabilidades, levando-os a desenvolver prováveis indícios de *burnout*, conforme já havia descrito Benevides-Pereira, citada no referencial teórico deste trabalho.

Um elemento detectado na pesquisa e que merece atenção é o elevado percentual de professores que, frequentemente, levam trabalho para casa: 71,4%. Isso talvez possa se

constituir em um fator desencadeante de estresse e *burnout*, pois os profissionais se privam de exercer outras dimensões de sua vida, de horas de lazer e convivência com seus familiares e amigos em função do trabalho acumulado e levado para casa, bem como da alta demanda de tempo dedicado à preparação de aulas e atividades. Apesar disso, a grande maioria, 64,3% dos professores, consegue realizar atividade física ou de lazer, um percentual bastante interessante e que pode ser um aliado no combate e prevenção de estresse e problemas de saúde em geral.

Outro dado que chama atenção é este: 57,1% já pensaram em largar a profissão. Isso assusta, principalmente a nós, iniciantes na docência – confesso que eu mesma estou um pouco desacreditada, não exatamente da profissão, mas do sistema que o cerca e da falta de condições adequadas para exercê-la. E, ao que parece, muitos professores, após iniciada a carreira, reavaliam os custos e benefícios, e alguns chegam à conclusão que devem largar.

A maioria dos educadores pesquisados, 85,7%, além do curso superior, possuía algum tipo de pós-graduação (especialização, mestrado e/ou doutorado). Quando falamos em desvalorização social do magistério na argumentação teórica deste trabalho, aí também podemos inserir a transformação de agentes importantes como a família, o ambiente cotidiano e outros grupos sociais que deixaram de contribuir com responsabilidades antigamente bem definidas, havendo uma transferência de papéis para a organização escolar. Além de tudo isso, dá-se uma disputa de adaptação muito grande com os novos meios de comunicação, fontes de informação e cultura. Sem contar o questionamento, hoje intensificado, do papel do professor a respeito da transmissão de conhecimentos (MERAZZI, 1983 apud CARLOTTO, 2002).

Um bom salário não é garantia de saúde, mas poderá ser garantia de recursos para a prevenção de doenças e para geração de bem estar. A renda da maioria dos pesquisados gira entre 1 e 4 salários mínimos, o que significa ganhos entre R\$622 e R\$2.488, numa carga horária que varia entre 20 e 40 horas por semana. Apenas um único entrevistado ganha acima de 4 salários, o que equivaleria a algo em torno de R\$3.110, sendo que este está na profissão há muito tempo. Aqui está uma das maiores reclamações em qualquer ambiente escolar que visitei: as queixas se referem a muito trabalho e pouca remuneração. E está demonstrado, em diferentes pesquisas, como as da Fundação Victor Civita (FVC) e da Fundação Carlos Chagas (FCC), que a baixa procura por cursos de pedagogia e licenciaturas em geral passa por esse motivo também. Os dados divulgados pelo Censo da Educação Superior em 2012 demonstram que a expansão universitária nacional, que ganhou impulso nos anos 90 e decolou, ao longo da década seguinte, com uma verdadeira explosão na oferta de vagas e de cursos superiores, não vem contando com o impulso das licenciaturas. O crescimento se concentrou nos cursos de perfil tecnológico, que registraram aumento de 11,4% na demanda,

e de bacharelado, que cresceram 6,4%. As licenciaturas patinaram. Os baixos salários e o desgaste da atividade docente contribuem para afugentar um maior número de alunos.

Exatamente metade dos professores que responderam ao questionário já realizou tratamento de psicoterapia e 28,6% tomam algum tipo de medicamento psicoterápico atualmente. Esses dados nos fazem refletir sobre a necessidade desse tipo de intervenção. Será que está aí a solução para os problemas de saúde psicológica dos professores? Segundo Ignácio e Nardi (2007), o consumo de psicoativos é uma maneira de construir formas de vida baseadas no individualismo/isolamento e capaz de legitimar modos assistencialistas e controladores de governo. Isso acaba desestimulando a independência dos indivíduos de buscar formas alternativas e retira parte da responsabilidade do governo de prover condições dignas, em vários aspectos, de trabalho aos educadores.

A pergunta aberta, realizada ao final do questionário socioeconômico sobre o número de licenças saúde que os professores já teriam usufruído e quais eram os motivos para tais licenças, teve como resposta, em sua maioria, (42,9%), uma única licença saúde ao longo do tempo de atuação docente. O segundo maior percentual foi o de nenhuma licença (35,7%).

Tabela 3. Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa

Dados sociodemográficos		N	%
Sexo	Feminino	12	85,7
	Masculino	2	14,3
Idade	Até 29 anos	2	14,3
	De 30 a 39 anos	6	42,9
	De 40 a 49 anos	1	7,1
	De 50 a 59 anos	3	21,4
	Mais de 60 anos	2	14,3
Estado Civil	Solteiro	3	21,4
	Casado	9	64,3
	Divorciado	2	14,3
	Viúvo	0	0
Nº de filhos	Sem filhos	5	35,7
	1 filho	4	28,6
	2 filhos	4	28,6
	3 filhos	1	7,1
	4 ou mais filhos	0	0
Tempo de formação	Até 5 anos	4	28,6
	De 5 a 15 anos	2	14,3
	De 15 a 25 anos	4	28,6
	De 25 a 35 anos	3	21,4
	Mais de 35 anos	0	0
	n.r	0	0
Pós-graduação	Especialização	8	57,1
	Mestrado	3	21,4
	Doutorado	1	7,1
	n.r	2	14,3
Tempo de experiência na docência	De 0 a 5 anos	5	35,7
	De 5 a 15 anos	3	21,4
	De 15 a 25 anos	5	35,7
	De 25 a 35 anos	1	7,1
	Mais de 35 anos	0	0
	n.r	0	0
Carga horária semanal	Até 20 horas	2	14,3
	De 20 a 40 horas	11	78,6
	Mais de 40 horas	1	7,1
	n.r	0	0

Número de alunos em média			
	Até 100	3	21,4
	De 100 a 200	4	28,6
	De 200 a 300	4	28,6
Número de turmas atendidas por semana			
	Até 5 turmas	4	28,6
	De 5 a 10 turmas	5	35,7
	Mais que 10 turmas	5	35,7
Renda média (Salários Mínimos)			
	1 a 2 S.M	6	42,9
	3 a 4 S.M	7	50,0
	Mais de 5 S.M	1	7,1
Em quantas escolas trabalha			
	1	10	71,4
	2	3	21,4
	3	1	7,1
Nível de atuação			
	Ensino fundamental	5	35,7
	Ensino médio	4	28,6
	Ambos	5	35,7
Realiza atividade física ou de lazer?			
	Sim	9	64,3
	Não	5	35,7
Leva trabalho para casa			
	Nunca	0	0,0
	Raramente	1	7,1
	Frequentemente	10	71,4
	Sempre	3	21,4
Já pensou em largar a profissão?			
	Sim	8	57,1
	Não	6	42,9
Alguma vez já realizou tratamento de psicoterapia?			
	Sim	7	50,0
	Não	7	50,0
Atualmente toma algum tipo de medicamento psicoterápico?			
	Sim	4	28,6
	Não	10	71,4
Quantas licenças saúde você precisou no seu tempo de atuação docente?			
	0	5	35,7
	1	6	42,9
	2	1	7,1
	3	2	14,3

Encontrar a maioria dos professores pesquisados com somente uma ou nenhuma licença saúde é um ponto positivo e que deve ser exaltado, pois vai ao encontro dos dados da SEDUC-RS, o qual diz que o número de licenças de saúde vem decaindo nos últimos três anos no Estado (Tabela 4). Apesar disso, nesse grupo de 14 professores, 2 alegaram faltas justificadas por estresse. O fato do número de licenças de saúde estar diminuindo não significa, necessariamente, que os professores não estejam sob um nível de estresse e exaustão muito altos, mas pode indicar que ele vai dar aula assim mesmo.

Tabela 4. Número total de professores, de licenças saúde e de exonerações nos últimos três anos no Rio Grande do Sul

Ano	Nº total de professores do Estado	Licenças saúde	Professores exonerados
2010	77.722	1.882	6.196
2011	77.247	1.600	5.525
2012	79.957	1.450	4.033

Fonte: Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul.

Infelizmente, a pergunta aberta parece não ter sido suficientemente explícita em relação à licença saúde e alguns professores podem tê-la entendido como falta justificada. Isso porque as respostas apresentadas para a pergunta – que também se constituía num espaço para poderem falar de outros tópicos não contemplados pelas afirmações presentes no questionário – foram de várias ordens: cirurgias diversas, cervicalgia, bursite, repouso gestação, estresse, falta de voz, virose, cansaço, depressão, torção muscular, gestação, exames e consultas, falecimento de parentes. Nesta direção, minha intenção, de conseguir dados mais precisos e específicos acerca dos motivos clínicos das licenças saúde dos professores de Porto Alegre, foi frustrada.

A fim de averiguar quais foram as causas para as licenças de saúde, foram feitas tentativas, por meio de diversas formas de contato com Secretaria da Administração e dos Recursos Humanos (SARH), responsável pelas perícias médicas do Estado, sem, no entanto, lograr algum êxito. Acreditava que tais informações me possibilitariam averiguar motivos de ausência por saúde mais precisos entre os professores estaduais do município de Porto Alegre, tal como fez Rezende-Souza e Pinho (2006), no município de Jataí – GO. Esses autores, através de estudo realizado nos arquivos da Perícia Médica no Setor Administrativo da Secretaria Municipal de Educação do município, contabilizaram 426 motivos diferentes entre o total de atestados, dentre os quais destacam-se: 32% consultas, cirurgias e acompanhamento de familiares com problemas de saúde; aproximadamente 10% de problemas osteomusculares; 8% com problemas gestacionais; 7% com problemas psicológicos, 6% com

problemas geniturinários; 5% por problemas cardiocirculatórios; 5% por problemas respiratórios; 4% de problemas traumatológicos; 4% por neoplasias e 20% distribuídos entre problemas neurológicos, oftalmológicos, gastrintestinais, dermatológicos, e outros, além do registro de 3 pedidos para mudança de função.

Caso eu tivesse podido acessar informações como essas, penso que seria interessante estabelecer outros tipos de relação, quiçá mais específicas sobre a saúde dos professores da rede estadual no município de Porto Alegre, trazendo elementos mais pontuais para a discussão.

Diante de todos esses questionamentos e argumentos a respeito de *burnout*, Carlotto (2003) nos traz algumas sugestões de intervenções preventivas ou de reabilitação a serem desenvolvidas no âmbito escolar, tanto pelo professor quanto pelas equipes diretiva e pedagógica das escolas, bem como por outras comunidades.

Quanto ao professor - proporcionar palestras sobre os fatores de estresse relacionados ao trabalho, bem como as possibilidades de desenvolvimento de estresse ocupacional crônico, já que a síndrome só é percebida como transtorno em sua fase final, quando possíveis sintomas psicossomáticos podem estar consolidados. Grupos de discussão sobre as práticas pedagógicas, auxiliando-o a desenvolver concepções mais reais da profissão, tanto para os já atuantes quanto para os que ainda estão na universidade, enquanto parte do processo de formação acadêmica. Embora centradas em ações que podem ser desenvolvidas pelo próprio docente – sem, no entanto, desconsiderar que os fatores estressantes da saúde mental são devidos a um conjunto de fatores –, tais sugestões ajudariam os docentes a melhor localizarem alguns desses fatores e, talvez, alguns tipos de estratégias que possam fazer frente a eles, como a qualificação das relações interpessoais, tanto na formação superior quanto na vivência escolar, e a valorização do estilo de atuação baseado no modelo relacional, permitindo valorizar as características específicas de cada um e possibilitando uma atuação independente e criativa, elaboradas de acordo com cada contexto de trabalho, dinamizando e personalizando o ensino, priorizando o desenvolvimento completo dos alunos.

Quanto à equipe diretiva e pedagógica, recomenda-se a criação de espaços de discussão e reflexão com os professores acerca dos papéis docentes na atualidade e os reflexos de novos paradigmas no contexto educacional. Os pais também devem ser vistos e tratados como parceiros do processo educativo e não meramente clientes de um serviço. As direções devem priorizar a participação dos professores, colegas e coordenação, formando equipes de trabalho em conjunto, estimulando a troca de experiências e o diálogo. O professor deve ter liberdade e se sentir à vontade e motivado para dar suas opiniões e contribuir com o

trabalho da escola como um todo, evitando competições desleais e divergências entre o grupo de trabalho. Reuniões devem ser desenvolvidas com a finalidade de divulgar à comunidade, projetos de trabalho e experiências de sucesso desenvolvidas pelos professores, resgatando a imagem social, a valorização e o prestígio da profissão, desgastados nos dias de hoje perante à sociedade.

Quanto à comunidade, campanhas informativas, que destaquem a importância da função docente, buscando apoio e diminuindo a exigência social transferida ao professor que hoje é visto como o principal ou até mesmo único agente de educação, poderiam vir a contribuir com a visibilização do trabalho docente e de sua condição em relação às políticas de formação e salariais nas diferentes esferas de governo. Isso também contribuiria para destacar a educação como sendo de responsabilidade de todos, incluindo as famílias (estimulando, por exemplo, a participação dos pais ou responsáveis na vida escolar, sensibilizando-os para a valorização da escola e do trabalho do professor junto aos seus filhos, enfatizando a importância de união entre as estratégias educativas utilizadas na escola e em casa).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos numa sociedade acelerada, que, cada vez mais, nos incita a trabalhar até esgotar nossas forças, em busca de condições melhores de vida, o que tem importantes impactos na nossa própria saúde. Na profissão docente não é diferente: professores trabalham cada vez mais em busca de salários dignos e, sem perceber, iniciam um processo de desgaste físico e mental, podendo desencadear sintomas de estresse, Síndrome de *Burnout* ou até mesmo outras patologias. Cuidar da saúde desses profissionais significa manter em funcionamento o processo educacional e institucional.

Embora não se pretenda fazer um investigação aprofundada sobre Síndrome de *Burnout* entre os professores estudados, os resultados aqui apresentados apontam níveis altos em relação a duas das três dimensões da síndrome. Devemos ficar preocupados? Acredito que sim, pois é um indicativo de que devemos olhar atentamente para este profissional, mas não só. Também devemos atentar para mudanças urgentes a serem feitas no atual modelo de gestão escolar, tanto a nível institucional quanto de governo.

É importante deixar claro que a prevenção do *burnout* entre professores, bem como de outras “doenças” em geral, não deve ser tarefa somente deles próprios. É preciso criar uma ação conjunta entre todos os atores envolvidos – professores, alunos, pais, instituições de ensino, universidades, sociedade e governo –, pois, caso contrário, dificilmente conseguiremos implementar políticas de formação e de valorização desses profissionais. Por isso a necessidade de uma preparação ainda mais cuidadosa dos novos docentes que logo iniciarão suas carreiras, a fim de evitar desistências e percalços no meio do caminho. Para que isso aconteça, penso que, teremos de compreender e lidar, da melhor maneira possível, com os fatores que dizem respeito à saúde do professor.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Jaqueline Brito Vidal. **Síndrome de *Burnout* em professores do ensino fundamental**: um problema de saúde pública não percebido. 2010. 191 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Centro de Pesquisas Ageu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2010.

BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. **A Síndrome de *Burnout***. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE SAÚDE MENTAL NO TRABALHO, 2004, Goiânia. Disponível em: <http://www.prt18.mpt.gov.br/eventos/2004/saude_mental/anais/artigos/2.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2012.

BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. **MBI - Maslach Burnout Inventory e suas adaptações para o Brasil**. In. Anais da XXXII Reunião Anual de Psicologia. Rio de Janeiro, 84-85. 2001.

BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. **Burnout**: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador. Casa do Psicólogo - São Paulo, 2002.

BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. **O estado da arte do Burnout no Brasil**. Revista Eletrônica InterAção Psy, 1(1), 4-11. 2003.

BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T et al. E os educadores, como estão? **Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente**, v.3, n 3, p.151-170, dez. 2010.

BITTAR, João. Problemas de saúde afastam professores da escola. **Jornal do Professor**. Edição 3, 2008. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?idConteudo=19>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

CARDOSO, Luís Antônio. A categoria trabalho no capitalismo contemporâneo. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v. 23, n. 2, pp. 265-295, 2011.

CARLOTTO, Mary Sandra. A síndrome de *Burnout* e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p.21-29, 2002.

CARLOTTO, Mary Sandra. *Burnout* e o Trabalho Docente: considerações sobre a intervenção. **Revista Eletrônica InterAção Psy** – Ano 1, nº 1- Ago 2003 – p. 12-18

CARLOTTO, Mary Sandra; CÂMARA, Sheila Gonçalves. Análise fatorial do Maslach *Burnout* Inventory (MBI) em uma amostra de professores de instituições particulares. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 3, p.499-505, 2004.

CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de *Burnout* e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 27, n. 4, p.403-410, 2011.

CARLOTTO, Mary Sandra; PALAZZO, LÍlian dos Santos. Síndrome de *burnout* e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, mai 2006.

CODO, Wanderley. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FERRARI, Rogério et al. **Síndrome de *Burnout***: análise do esgotamento profissional em professores de um colégio no interior de Mato Grosso. In: VI SEMINÁRIO DIREITOS HUMANOS NO SÉCULO XXI E IV ENCONTRO DE DIREITOS HUMANOS DA UNESP EDUCAÇÃO, DIREITOS HUMANOS E EXCLUSÃO SOCIAL FFC/UNESP, Marília, 2010.

FERREIRA, Rodolfo. **As expectativas de professores e licenciandos sobre carreira e remuneração e a política de valorização do trabalho docente no Brasil**. In: 27º REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt05/t0518.pdf>> Acesso em: 13 dez. 2012.

FREITAS, Claudia Regina; CRUZ, Roberto Moraes. **Saúde e trabalho docente**. XXVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO. A integração de cadeias produtivas com a abordagem da manufatura sustentável. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 13 a 16 de outubro de 2008.

GASPARINI, Sandra Maria et al. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p.189-199, 2005.

GOMES, Luciana. **Trabalho multifacetado de professores/as: a saúde entre limites**. 118 f. Dissertação – Centro de Estudos de Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, Escola Nacional de Saúde Pública, FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2002.

GOULART JUNIOR, Edward; LIPP, Marilda Emmanuel Novaes. Estresse entre professoras do ensino fundamental de escolas públicas estaduais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p.847-857, 2008.

IGNACIO, Vivian Tatiana Galvão; NARDI, Henrique Caetano. A medicalização como estratégia biopolítica: um estudo sobre o consumo de psicofármacos no contexto de um pequeno município do Rio Grande do Sul. **Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre, v. 19, n. 3, 88-95, 2007.

LANDINI, Sonia Regina. Professor: trabalho e transtornos psíquicos. **Rev. Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v. 11, n. 3, p.298-308, 2008.

LAPO, Flavinês Rebolo; BUENO, Belmira Oliveira. Os professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cadernos de pesquisa**, n. 118, p.65-88, março, 2003.

LEVY, Gisele Cristine Tenório de Machado; NUNES SOBRINHO, Francisco de Paula; SOUZA, Carlos Alberto Absalão de. Síndrome de *Burnout* em professores da rede pública. **Produção**, São Paulo, v. 19, n. 3, p.458-465, 2009.

MASLACH, Christina; JACKSON, Susan E. The measurement of experienced *burnout*. **Journal of Organizational Behavior**, Berkeley, v. 2, n. 2, p.99-113, 1981.

MORENO-JIMENEZ, Bernardo et al. A avaliação do Burnout em professores. Comparação de instrumentos: CBP-R e MBI-ED. *Psicol. estud.*, vol.7, no.1, p.11-19, Jun 2002.

NERI DE SOUZA, Aparecida; DE PAULA LEITE, Marcia. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. **Educação & Sociedade**, vol. 32, núm. 117, outubro-dezembro, 2011, pp. 1105-1121 Centro de Estudos Educação e Sociedade.

PASCHOALINO, Jussara Bueno de Queiroz. **O professor adoecido entre o absenteísmo e o presenteísmo**. In: VII SEMINÁRIO REDESTRADO- NUEVAS REGULACIONES EM AMÉRICA LATINA, Buenos Aires, Jul 2008.

PEREIRA, Z. et al. Síndrome de Burnout em profissionais da equipe de enfermagem do Hospital Infantil Varela Santiago/RN, Natal, **Neurobiologia**, v. 72, n.4, out./dez., 2009.

POLATO, Amanda. Remédios para o professor e a Educação. **Revista Nova Escola**, Edição 211, Abril 2008.

REZENDE-SOUZA, Ana Lúcia; PINHO, Diana Lúcia Moura. **Levantamento dos problemas de saúde que afastaram os professores do trabalho, na rede pública municipal de Jatai-Go**. In: V SIMPOSIO DE EDUCAÇÃO DO SUDOESTE GOIANO, 2006.

Revista Escola. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/carreira/ser-professor-escolha-poucos-docencia-atratividade-carreira-vestibular-pedagogia-licenciatura-528911.shtml> Acesso em: 11 de janeiro de 2013.

SARATT, Alex Santos. Caderno de Educação: um instrumento para a luta. **Cadernos de Educação** - nº 22 - Jan. a Jun./2010 - Saúde dos(as) Trabalhadores(as) em Educação.

SILVA, Nilson Rogério da; ALMEIDA, Maria Amélia. As características dos alunos são determinantes para o adoecimento de professores - um estudo comparativo sobre a incidência de *Burnout* em professores do ensino regular e especial. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v. 17, n. 3, p.373-394, 2011.

Sindicato dos Professores do Ensino Privado do RS (SINPRO-RS). **Docência – condições de trabalho e saúde**, 2009. Disponível em <<http://www.sinprors.org.br/textual/out09/Condicoes%20de%20trabalho%20docente.pdf>>. Acesso em 22 nov. 2012.

SOUZA, Aparecida Neri de; LEITE, Marcia de Paula. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1105-1121, out.-dez. 2011.

SUZIN, Rosemeri. **A saúde geral dos professores municipais de Caxias do Sul e suas relações com as atividades laborais**. 140 f. Dissertação - Curso de Mestrado Profissional em Engenharia, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

ZAPONI, Margareth Costa; SILVA, Rejane Dias da. **Absenteísmo Docente - uma análise diagnóstica da rede estadual de ensino de Pernambuco**. In: XXIV SIMPÓSIO BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO. Simpósio, Vitória: Ufes, 2009. p. 1-17.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SÓCIODEMOGRÁFICO

Iniciais:

Sexo: M () F () Idade: _____ Estado civil: _____ Nº de filhos: _____

Formação (curso): _____ Tempo de formação: _____ anos.

Qual(is) disciplina(s) você ministra? _____

Renda média (própria): () 1 a 2 salários mínimos () 3 a 4 salários mínimos () > que 5

Obs.: salário mínimo brasileiro em 2012 = R\$ 622,00

Fez ou faz cursos de aperfeiçoamento () Especialização () Mestrado () Doutorado.

Em quantas escolas trabalha: _____

Horas trabalhadas por semana em escola pública: _____ Em escola privada: _____

Níveis de atuação: ensino médio (); ensino fundamental ()

Nº de turmas atendidas por semana: _____ Quantos alunos no total (em média): _____

Tempo de experiência na docência: _____ anos

Tempo de deslocamento ao trabalho em média (de casa à escola): _____ min./h.

Transporte utilizado no deslocamento acima: _____

Você realiza alguma atividade esportiva ou de lazer nas suas horas livres durante a semana? () Sim () Não .
Qual? _____

Leva trabalho para casa: () sempre; () nunca; () frequentemente; () raramente.

Já pensou em largar a profissão alguma vez? () Sim () Não

Alguma vez realizou tratamento do tipo psicoterapia? () Sim () Não

Atualmente tomas algum tipo de remédio calmante ou psicoterápico? () Sim () Não

Durante todo seu tempo de atuação docente até hoje, quantas licenças saúde você precisou? _____. Escreva as causas que lembraes:

ANEXO A - MASLACH BURNOUT INVENTORY (MBI)

Por favor, leia atentamente cada um dos itens a seguir e responda se já experimentou o que é relatado, em relação a seu trabalho. Caso nunca tenha tido tal sentimento, responda "0" (zero) na coluna abaixo. Em caso afirmativo, indique a frequência (de 1 a 6) que descreveria melhor seus sentimentos, conforme a descrição abaixo:

1- Sinto-me esgotado/a emocionalmente por meu trabalho.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

2- Sinto-me cansado/a ao final de um dia de trabalho.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

3- Quando me levanto pela manhã e vou enfrentar outra jornada de trabalho sinto-me cansado/a.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

4- Posso entender com facilidade o que sentem meus alunos.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

5- Creio que trato alguns alunos como se fossem objetos impessoais.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

6- Trabalhar com pessoas o dia todo me exige um grande esforço.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

7- Lido de forma eficaz com os problemas dos alunos.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

8- Meu trabalho deixa-me exausto/a.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

9- Sinto que influencio positivamente a vida de outros através do meu trabalho.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

10- Tenho me tornado mais insensível com as pessoas desde que exerço este trabalho.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

11- Preocupa-me o fato de que este trabalho esteja-me endurecendo emocionalmente.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

12- Sinto-me com muita vitalidade.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

13- Sinto-me frustrado/a em meu trabalho.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana

- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

14- Sinto que estou trabalhando em demasia.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

15- Não me preocupo realmente com o que ocorre com alguns alunos.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

16- Trabalhar diretamente com pessoas causa-me estresse.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

17- Posso criar facilmente uma atmosfera relaxada para os meus alunos.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

18- Sinto-me estimulado/a depois de trabalhar em contato com os alunos.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

19- Tenho conseguido muitas realizações em minha profissão.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

20- Sinto que atingi o limite de minhas possibilidades.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos

- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

21- Sinto que sei tratar de forma adequada os problemas emocionais no meu trabalho.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias

22- Sinto que os alunos culpam-me por alguns de seus problemas.

- (0)-Nunca
- (1)-Uma vez ao ano ou menos
- (2)-Uma vez ao mês ou menos
- (3)-Algumas vezes ao mês
- (4)-Uma vez por semana
- (5)-Algumas vezes por semana
- (6)-Todos os dias.

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – MBI / *Burnout*

Prezado (a) Participante,

Você está sendo convidado (a) a participar de um estudo de cunho acadêmico que tem como objetivo avaliar o nível de estresse do (a) professor (a) através da verificação da presença da Síndrome de *Burnout*. Trata-se de uma pesquisa realizada em nível de graduação para o Trabalho de Conclusão de Curso da pesquisadora Juliana Gerhardt, vinculada ao Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação do professor Dr. Luís Henrique Sacchi dos Santos, coordenador da área de Educação e Saúde da Faculdade de Educação/UFRGS. Os resultados que serão obtidos poderão contribuir para a construção de um perfil da saúde do (a) professor (a) no que se refere ao estresse.

É importante deixar claro que nenhuma informação ou dado conterà sua identificação direta, bem como da escola. Todos os dados coletados serão armazenados por um período de cinco anos de forma sigilosa pela pesquisadora e, após, totalmente destruídos (conforme preconiza a Resolução 196/96).

EU _____, afirmo que recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e concordo em participar do estudo. Declaro que também fui informada/o:

- Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa.
- De que minha participação é voluntária e terei a liberdade de retirar o meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo para a minha vida pessoal e nem para o atendimento prestado a mim.
- Da garantia de que não serei identificada/o quando da divulgação dos resultados e que as informações serão utilizadas somente para fins científicos do presente projeto de pesquisa.
- Sobre o projeto de pesquisa e a forma como será conduzido e que, em caso de dúvida ou novas perguntas, poderei entrar em contato com CEP/UFRGS (51) 3308- 3738; ou com Faculdade de Educação: Avenida Paulo Gama, s/n, FACED – Departamento de Ensino e Currículo, sala 806, telefone 3308-4148.

Agradecemos à gentileza da sua participação. Ela é muito importante.

Declaro que recebi cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, permanecendo outra via em poder da pesquisadora.

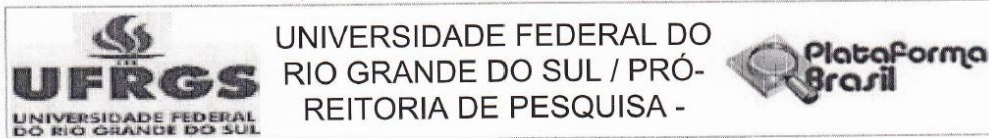
Porto Alegre, ____, de _____ de 20__.

Assinatura do entrevistado
Nome:

Assinatura da pesquisadora
Juliana Gerhardt

Este formulário foi lido para _____ (Nome do sujeito pesquisado) em __/__/__ (data) pela pesquisadora Juliana Gerhardt enquanto eu estava presente.

ANEXO C – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Síndrome de Burnout e saúde dos professores de Ciências e Biologia nas escolas estaduais de ensino básico de Porto Alegre que admitem estagiários docentes do curso de Ciências Biológicas da UFRGS

Pesquisador: Juliana Gerhardt

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 08131612.8.0000.5347

Instituição Proponente: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DADOS DO PARECER

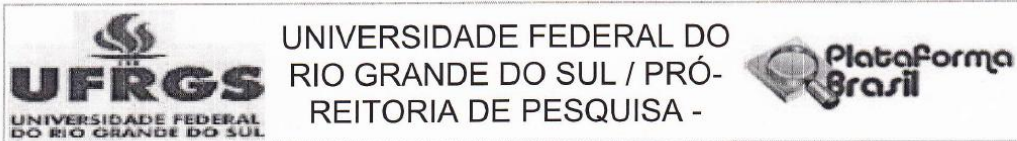
Número do Parecer: 180.675

Data da Relatoria: 20/12/2012

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de TCC que aborda o tema do mal estar dos professores de ciências e biologia na rede pública de ensino e o alto índice de abstenção ao trabalho registrado pelos mesmos. Tem como primeira referência as escolas onde se realizam os estágios de prática de ensino da UFRGS. A pesquisa levantará dados do município de Porto Alegre. Fará utilização de um questionário específico, já referendado pela bibliografia - o MBI (Maslach Burnout Inventory) elaborado por (MASLACH & LEITER apud BATISTA, 2010, p. 181); de um questionário sócio demográfico - elaborado pela autora para obter variáveis como sexo, idade, nível escolar em que atua, grau de escolaridade, número de horas trabalhadas, número de turmas atendidas, etc., para fins de comparação- e relação com os futuros resultados. Acrescentará uma pergunta aberta ao final - a respeito das licenças saúde já retiradas pelo professor pesquisado sobre indícios da presença da Síndrome de Burnout entre esses docentes. Também será realizado um levantamento de dados sobre o número de licenças saúde da própria escola nos últimos cinco (5) anos. Para completar os dados será solicitado acesso aos dados referentes à licença para tratamento de saúde dos professores da rede estadual de ensino básico do município de Porto Alegre ao Departamento de Recursos Humanos da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul. A análise, de teor qualitativo, será realizada com base na tabulação final dos questionários e relacionada com os dados sócio demográficos cotejados com a bibliografia sobre o tema. A análise será qualitativa e atingirá 20 sujeitos: dez professores de ciências e dez de biologia.

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - 2º andar do Prédio da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farrroupilha **CEP:** 90.040-060
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br



O projeto tem fundamentação teórica atualizada e define a Síndrome de Burnout como "Burnout é considerado um fenômeno psicossocial, constituído por três dimensões: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional". O problema é considerado atual e relevante embora existam ainda poucos trabalhos de pesquisa sobre o mesmo, nas escolas de Porto Alegre. A pesquisa pretende contribuir para que as disciplinas de estágio situem e problematizem as diferentes realidades escolares presentes em nosso município, e para que possam prevenir a desistência da profissão, preparando melhor os novos docentes frente às situações de exaustão emocional a que estarão submetidos.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar a situação daqueles professores e professoras cujas escolas têm estabelecido parcerias, na forma de estágios de docência, com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em especial, pretende investigar a condição de saúde dos/as professores/as de Ciências e de Biologia no ensino médio, de algumas escolas onde são realizados os estágios de docência em ciências e biologia da UFRGS;

Realizar um levantamento acerca do número de afastamentos por licença saúde entre os/as professores/as da rede estadual de ensino, no município de Porto Alegre.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O projeto explicita que a pesquisa não apresenta riscos identificados previamente. Não fará classificação dos sujeitos ou encaminhamentos, sua meta é a discussão qualitativa dos dados com vistas subsidiar a problematização do trabalho docente e o desenvolvimento de propostas que auxiliem e atinjam mais diretamente os professores minimizando os efeitos do estresse e o seu impacto na qualidade de vida pessoal e no ensino. Ao mesmo tempo subsidiar propostas de formação docente, por partes das universidades, voltadas para as vicissitudes encontradas nos espaços escolares contemporâneos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem fundamentada e instrumentalizada, tem bibliografia atualizada e metodologia clara e condizente com um TCC.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os Termos de Autorização e de Consentimento Livre e Esclarecido anexados estão completos e em linguagem acessível

Recomendações:

Nada a incluir

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - 2º andar do Prédio da Reitoria - Campus Centro
 Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-060
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE
 Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL / PRÓ-
REITORIA DE PESQUISA -



Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Favorável à aprovação do projeto.

Situação do Parecer:

Aprovado

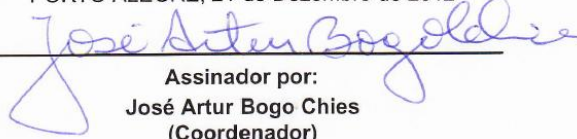
Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Encaminhe-se.

PORTO ALEGRE, 21 de Dezembro de 2012



Assinador por:
José Artur Bogo Chies
(Coordenador)

Nº CAAE 081311612.8.0000.5347

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - 2º andar do Prédio da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farrroupilha CEP: 90.040-060
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br